
Impermanências literais

[Larry Bell, *6 x 6 An Improvisation*,
White Cube Bermondsey, Londres]

Helio Branco ¹

<http://dx.doi.org/10.22409/poiesis.1931.215-220>

A maior e mais recente instalação da extensa carreira de Larry Bell interconecta pinturas e trabalhos sobre papel dos anos 1960 e 70 e colagens da década de 80. Em face das alegadas maneiras intuitivas “de quem trabalha mais rápido do que pensa” e da “recusa em escrever manifestos”, talvez seja mais apropriado nuançar seus laços com o minimalismo e com a assunção do cubo como paradigma de parte de sua geração.

Tanto o interesse em formas geométricas que parecem flutuar sobre as superfícies postulando o espaço tridimensional, como nos *Ellipse Works* dos anos 60/70, quanto o empenho na volumetria de formas curvas e na sugestão de espaços intersticiais, como nas colagens *Church Studies* dos anos 80, tomam parte no arranjo espacial atual diferentemente.

¹ Helio Antunes Branco é artista, Doutor e Mestre em Linguagens Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui graduação em Escultura na Escola de Belas Artes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). É atualmente Professor Substituto de Pintura na Escola de Belas Artes - UFRJ. E-mail: helio Branco@yahoo.com.br



Composto de painéis de vidro de 1,80m² variavelmente transparentes e rearticuláveis, que se erguem apoiados na junção de uma estrutura em forma de L, o trabalho de Larry Bell apresenta oito “cubos abertos”, isto é, oito pares de Ls juntados de tal maneira que configuram-se como uma estrutura cúbica sem a parte superior, por vezes com paredes duplas. Essa configuração, além de permitir que circulemos no entorno, por vezes franqueia acesso ao interior da cada cubo. Através da transparência mais ou menos matizada das placas de vidro, vemos não apenas a arquitetura da galeria e seus equipamentos como também as pessoas que por ela circulam. Concomitantemente, ao nos deslocarmos no recinto, as superfícies propriamente refletoras dos painéis também multiplicam efeitos caleidoscópicos e nos devolvem imagens dinâmicas da sala e dos visitantes, tomadas de ângulos mais incomuns que inusitados.

As transparências e flutuações de 6 x 6, bem como os volumes e interstícios dos trabalhos progressos, advêm da vaporização de produtos químicos, dentre os quais uma liga de níquel-cádmio, aplicados em inúmeras e finíssimas camadas multicoloridas ou tonais. Mais do que a experimentação de uma técnica sob exigência de meios expressivos e suportes distintos, recolocados sob outras premissas metodológicas, importa reconhecer também a partilha de alguma dramaticidade na ambição dos *vapour drawings* em dominar as superfícies ou o ambiente que os acolhe. Segundo o ponto de vista que se queira adotar, 6 x 6 pode levar ou trazer, para mais longe ou para mais perto, essa demanda de espaço; de maneira categórica empenha-se em apoderar-se dele mas o faz de modo diáfano, flutuando no limiar oscilante de sua presença perceptível, sem contudo deixar de balizar nossos deslocamentos no ambiente.

Que o chão acarpetado minimize o som dos deslocamentos dos visitantes e que os “cubos” de vidro sejam abertos, e ostentem graus de transparência variados, somente reforçam a desconcertante sensação de que a obra solicita algo como um acréscimo de alheamento da parte de quem a experimenta. Precisamente porque os cubos “absorvem”, pela transparência, uns aos outros e quem ou o que quer que esteja no entorno, vale a pena ter em conta o refinamento da atenção requerido, por hipótese, na constante ameaça de



que o vidro venha a se quebrar inadvertidamente por um visitante mais afoito ou displicente. Em face das circunstâncias de circulação distraída e, ao mesmo tempo, atenta que a obra estabelece, talvez esse risco hipotético ajude a detectar em que medida aquela demanda pregressa pelas cercanias dos suportes expressa-se, nesta oportunidade, postulando não apenas o espaço tridimensional como também nosso comportamento, depurado então pela exiguidade de limiares perceptivos de transparências e veladuras e de sutilezas de orientação espacial que elas suscitam. Sendo assim, talvez não surpreenda a desconcertante sensação de que por vezes a presença de visitantes, sobretudo em excesso, pareça inoportuna, mas também, paradoxalmente, crucial: enquadradas como lentes e monitores habitualmente o fazem, deslizam nas superfícies especulares cenas de movimento de pessoas multiplicadas, de partes de corpos rebatidos em espelhamento, reflexos esmaecidos ou sombreados, assim como se reapresentam, sob outros enfoques, ações como caminhar por entre as obras, mas também parar para olhar ou descansar; fotografar, ver e mostrar as fotografias no celular, mas também conversar e ler.

É possível experimentar certa inquietação gerada pela interconexão com duas salas com obras muito diversas: colagens e impressões térmicas a vácuo emolduradas e organizadas na parede, contíguas aos “cubos” de vidro de grande formato de 6 x 6 *An Improvisation*. Mais do que desafiar o habitual esmero de um desenho curatorial coerentemente elaborado – que de resto logra êxito em *Smoke On The Bottom* como conjunto –, a suposta discrepância fisionômica entre as obras interroga um tipo de tecnologia refinada diante de desafios que se renovam. Uma sala que é um caminho, e não a entrada principal, conecta o trabalho atual entre duas séries de trabalhos anteriores em salas distintas. O que antes aspirava levitar das superfícies, e avançava pelas bordas do suporte, demandando o espaço literal, importa agora como relacionamento dos objetos com o ambiente desafiando nossa perspicácia, reorientando a dedução algo óbvia do aprimoramento técnico da obra ao longo de uma sucessão temporal, abrindo-a agora para impermanências externas, por assim dizer, mais que literais.



Larry Bell, *6 x 6 An Improvisation*

de 28 de abril a 18 de junho de 2017

White Cube Bermondsey, Londres

Mais informações: <http://griffingallery.co.uk/exhibitions/david-mach>

(Fotos: Helio Branco)

Recebido: 15/5/2018; Aprovado: 29/5/2018

Como citar: BRANCO, Helio. *Impermanências literais* [resenha crítica da mostra de Larry Bell, *6 x 6 An Improvisation*, White Cube Bermondsey, Londres]. *Poiésis*, Niterói, v. 19, n. 31, p. 215-220, jan./jun. 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.22409/poiesis.1931.215-220>